

## Cinema e história: reflexões sobre dois universos

Decivaldo Júnior\*

### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão sobre o uso do cinema como prática pedagógica no ensino da História escolar. O texto faz abordagens relativas tanto aos pontos positivos de filmes como recurso didático, como também apresenta realidades do cotidiano nas escolas a partir de trabalhos de observação feitos em sala de aula vinculados ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Estadual de Feira de Santana. Proponho fazer uma análise sobre as vantagens, dificuldades e equívocos do uso dessa linguagem na sala de aula, buscando saber sua potencialidade e suas limitações no campo educacional.

### INTRODUÇÃO

A partir dos novos conceitos, apropriações e metodologias no âmbito da produção historiográfica empreitados pela escola dos Annales, foram surgindo novos horizontes e possibilidades de construção do conhecimento histórico frente à visão dos historiadores que rompem com o modelo positivista e buscam um novo método de se fazer história.

Nesse emaranhado de novos conceitos, tem-se como uma das principais mudanças desta revolução historiográfica, as novas formas de apropriação dos *documentos históricos*. Os historiadores ditos positivistas limitava-se em maioria aos documentos históricos na formação do conhecimento, de acordo com o positivismo, sem os documentos não se podia fazer história. A Escola dos Annales amplia essa visão, e defende que o conceito de documento vai muito além dos testemunhos e escritos, tendo-se no processo de construção do conhecimento histórico, uma multiplicidade de documentos e fontes. Para Flamarion (1992. p. 95) por exemplo, as fontes históricas *são todos os tipos de informação acerca do devir social no tempo, são fontes históricas as redações que nos chegaram em papiros, os tijolos de barro, paredes de monumentos, pergaminhos, papéis, objetos materiais diversos, registros gravados de áudio e vídeo e até mesmo*

---

\* Bolsista PIBID-UEFS

*cinema*. Pode-se verificar portanto, que nessa fase de releitura da história, o que se conhece por documentos e fontes históricas, está distribuída pelas mais diversas formas de reprodução de conhecimento - seja na forma escrita, oral, em áudio e até em vídeos e cinema, como afirma o próprio autor. Este fato, também repercutiu nas releituras sobre o ensino de História nas escolas. Os docentes têm buscado novas linguagens, a fim de se aproximar das realidades dos alunos, e de passar os conteúdos de uma forma mais viável e – se assim pode dizer – “legível” a eles

Dentro desse contexto, será tomado como objeto de estudo nesse trabalho, o *cinema* como fonte didática de ensino e aprendizado de História. Procuo analisar as metodologias, possibilidades, vantagens, empecilhos, formas de diálogo entre a arte do cinema e os conteúdos presentes no currículo da História escolar. Serão feitas sugestões de possíveis filmes a serem trabalhados e sua relação com os fatos históricos discutidos, ou os temas que se ramificam neles. Entrará na discussão a atuação e participação dos professores com a atividade e os recursos necessários para a aplicação das mesmas. Apresento também uma análise sobre os benefícios didático-pedagógicos em prol dos alunos, refletindo sobre suas dificuldades no âmbito da leitura, interpretação, orientação temporal dos fatos, ilustração e reconhecimento das características sociais, físicas, econômicas e estruturais das civilizações em estudo. Ressalto que este trabalho, baseia-se em observações feitas no cotidiano escolar de alunos do ensino médio, a fim de realizar um estudo analítico sobre o cinema, este cotidiano e as possíveis interfaces entre os dois universos, considerando a potencialidade imagética e artística do mundo cinematográfico, como uma possível linguagem a ser usada no processo de ensino e aprendizado.

## *O APELO EM BUSCAR O “DINAMISMO” NAS AULAS DE HISTORIA E O USO DO CINEMA COMO INVESTIDA PEDAGÓGICA.*

As discussões envolvendo o ensino e aprendizagem de História, vem ganhando espaço desde a década de 1980, quando o Brasil passa por um processo de redemocratização política, e vive-se uma “Era do Repensando”, relacionada às práticas pedagógicas de “(...)ensino nas mais diversas áreas de conhecimento, focalizando prioritariamente as

críticas a um modelo escolar e acadêmico que não tinha mais validade(...)" (CAIMI, 2007. p. 28). Na década de 1990, a prática docente já passa a ser objeto de pesquisa nas academias, e as necessidades de uma reforma no modelo de ensino se tornam cada vez mais evidentes. A busca por novas linguagens (tecnologias, literatura, música etc...) por tanto, entra em cena como uma possibilidade de se fazer tal reforma, e o uso desses recursos tem se encaixado principalmente no âmbito metodológico de ensino.

A partir das observações feitas em sala de aula, notou-se que o desinteresse de aprendizado por parte dos alunos, o modelo tradicionalista de ensino, que se preocupa com a quantidade de conteúdos a serem passados, somados às precárias habilidades de leitura e escrita por parte dos alunos, formam os maiores obstáculos no que diz respeito à aprendizagem, e em especial na disciplina de História. A desvalorização dos profissionais de educação e as parcas condições de trabalho, não ficam de fora nesse contexto.

Têm se visto com gradual frequência nas discussões acadêmicas, uma busca - talvez desesperada - por novas metodologias a serem aplicadas em sala, que por sinal tem se tornando um chavão nas releituras sobre o ensino de História. Trata-se daqueles discursos que pregam a elaboração de aulas mais "dinâmicas" e interessantes. O que carece nesses discursos são reflexões que buscam saber a origem das barreiras existentes no processo de ensino e aprendizagem em História. E esse discurso "dinamista", acaba deixando de lado as discussões sobre o currículo e sobre a didática do ensino, voltando a atenção apenas ao âmbito metodológico. Nesse contexto, a investida pedagógica que propõe introduzir o universo cinematográfico neste cenário educacional serve como exemplo das inúmeras tentativas teórico metodológicas de se aprimorar o ensino em sala.

A partir dessa discussão, põe-se em cheque questões que se referem às possíveis interfaces do cinema com a História Escolar. Como o uso do conteúdo fílmico na prática pedagógica, pode auxiliar o aluno no processo de aprendizagem e compreensão da História? Tal recurso é capaz de preencher certas lacunas deixadas pela carência de leitura e interpretação?

## *AS DIFICULDADES NA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO*

No modelo de educação atual, tem-se como exemplo nas aplicações pedagógicas, o perfil de um professor reprodutor-salvo exceções-, preso ao seu livro didático, e muitas vezes, segundo da Conceição e Venâncio (2008), o responsável por uma disciplina meramente decorativa e desinteressante. Outro ponto a se colocar é a pouca atratividade expressa pela disciplina de História, para com o seu alvo, que não vê sentido ou utilidade alguma em estudar um passado morto, e muitas vezes, sem nexos nenhum com a realidade. Conforme Caimi:

“Os professores de um lado, reclamam dos alunos passivos ao conhecimento, sem curiosidade, sem interesse, desatentos, que desafiam a sua autoridade, sendo zombeteiros e irreverentes. Denunciam também o excesso e a complexidade dos conteúdos a ministrar nas aulas de História, os quais são abstratos e distantes do universo de significação das crianças e dos adolescentes. Os alunos, de outro lado, reivindicam um ensino mais significativo, articulado com sua experiência cotidiana, um professor “legal”, “amigo”, menos autoritário e que lhes exija menos esforço de memorização e que faça da aula um momento mais agradável”. (CAIMI, 2007. p. 18).

Dentro desse impasse, forma-se um abismo na relação entre professor e aluno. Um abismo que dificulta tanto o reconhecimento das realidades do alunado por parte do professor – inviabilizando a possibilidade de uma releitura de sua didática, ou de suas metodologias -, como desmotiva a receptividade dos alunos com as propostas do docente.

Já, em se tratando do uso dos livros como fonte didática, esta prática costuma ser um dos recursos mais utilizados para o aprendizado de História. De fato, essa forma de captação de informações tem sua eficácia, pois traz além de novos conhecimentos, exercícios de escrita e amplia o vocabulário do aluno. Não se deve esquecer também da

relevância de se ter ciência das realidades dos alunos que fazem esse tipo de atividade, sabendo sua bagagem de habilidades e suas competências na prática de leitura. Nas observações feitas em sala de aula, notou-se por parte dos alunos uma considerável deficiência no hábito da leitura e da interpretação textual. No acompanhamento das atividades em sala, constatei que a maioria desses alunos apenas leem as palavras sem fazer nexos com aquelas que às antecedem e as suas sucessoras. O que se ocorria nesses casos era apenas a leitura de uma sequência de palavras. Os estudantes tinham uma considerável dificuldade na leitura da informação contida nos textos e nos enunciados de questões, além do limitado vocabulário, que pesava na realização das atividades. Partindo desse pressuposto, é prudente por parte do professor, estar apto a acompanhar o aluno que tiver a dificuldade nesse aspecto, tanto exercitando-o na prática, quanto trazendo consigo formas complementares de conteúdo (imagens, literatura, músicas, vídeos...).

## *CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA: CARACTERÍSTICAS, TENDÊNCIAS E POSSÍVEIS INTERFACES .*

Tenhamos nessa discussão, uma atenção especial à questão do uso do cinema nas práticas pedagógicas. O aumento da utilização dos recursos imagéticos na sala de aula tem se dado por diversos fatores, tanto de âmbito social, econômico quanto cultural. A constante procura pela exploração de filmes e documentários realizadas pelos professores da educação básica, não se apresenta como um simples “modismo”, este fato tem se dado por uma série de fatores dentre eles, citam-se: **1º)** a princípio, com as novas mudanças da historiografia, da releitura dos conceitos documentais e a ampliação das fontes, pode-se atribuir ao cinema um lugar legítimo nas formas de apropriação dos conhecimentos históricos; **2º)** o grande mercado voltado aos meios de comunicação imagéticos- que baseia-se no grande número de telespectadores, estimulando a indústria a produzir cada vez mais obras- e que tem crescido consideravelmente graças aos avanços tecnológicos e econômicos que proporcionaram uma maior facilidade de adesão desses recursos; **3º)** o grande potencial atrativo presente nos filmes, gerado tanto pelo caráter artístico de obra, quanto pelos grandes recursos tecnológicos que proporcionam um considerável incremento no âmbito dos efeitos especiais; **4º)** o

extenso acervo de produções cinematográficas, formado por uma imensa e crescente variedade de produções, que vêm gradativamente se aperfeiçoando frente às exigências de seu público alvo; **5º**) as próprias estruturas básicas de um filme (imagens, movimento, sons e narrativas), que são de um considerável ajuda nas práticas de ilustração e demonstração de um determinado tema; **6º**) o desenvolvimento da habilidade de crítica e da decodificação de signos não verbais; **7º**) por fim, é crucial mencionar a existência dos gêneros das obras, que em sua variedade, abraçam um maior público, abarcando-o de acordo aos seus gostos e preferências no que se refere à arte do cinema.

Destaca-se também a possibilidade de desenvolvimento das habilidades críticas por parte dos alunos em relação aos filmes. Críticas, não apenas referentes às obras enquanto artísticas, mas também na leitura do filme, enquanto mensagem a ser passada e reproduzida. Por traz de cada produção, existe de fato uma ideologia, implícita ou muitas vezes explícita. A análise de um filme acompanhada de uma boa discussão interativa e bem orientada pelo professor, pode proporcionar ao aluno, uma noção da potencialidade da mídia e de suas produções informativas, e também ideológicas. Proporciona também ao sujeito, a possibilidade de identificar os diálogos da obra em estudo com temas contemporâneos, afinal, é relevante problematizar não apenas a época que os filmes reproduzem, mas também a época em que eles foram produzidos. É pertinente, se construir com os alunos essa noção de análise, como forma de condicioná-los à crítica e à reflexão de seu meio, enquanto membros de um corpo social.

Frente a essa fase de busca por novas no que toca ao ensino de História, a preferência pelas artes cênicas (teatro, programas televisivos e cinema), tende a crescer, em detrimento à perda de público por parte das obras escritas. De acordo com Carnes, “A era do livro, ou melhor, o milênio do livro, já era. Se a palavra impressa superou a tradição oral, o cinema e a televisão superaram a suprema invenção de Guttemberg.” (CARNES, 1997).

Partindo desses pressupostos, pode-se anexar as obras produzidas no universo do cinema aos conteúdos aplicados em sala de aula, como um recurso complementar de

ilustração dos fatos, em prol das capacidades de entendimento dos alunos. Como exemplo dessa afirmação, pode-se imaginar uma aula de História em que o professor esteja apresentando como tema didático, a expansão Macedônica na Antiguidade. Como apoio ao seu trabalho, ele pode expor o filme “Alexandre”, do diretor Oliver Stone, lançado em 2004. O filme narra a biografia de Alexandre o Grande, desde a sua infância à sua morte. A obra proporciona ao espectador uma noção de várias fases da vida do expansionista macedônico. Desde sua origem no mundo grego, e suas relações com seu pai, Felipe da Macedônia, à tomada da posse do trono na condição de herdeiro. A obra de Stone, reproduz minuciosamente o processo de expansão da Macedônia, desde as táticas militares, conflitos políticos externos e internos, os processos de tomada territorial, até às características culturais e psicológicas dos personagens. Reflete questões de gênero como a homossexualidade, que era muito presente já naquela época, a posição social da mulher na sociedade grega e a forte idealização do militarismo.

O uso do objeto em questão também torna-se pertinente quando se enxerga a deficiência por parte dos alunos de diferirem nas características básicas das sociedades (comportamentos, cenários, vestimentas, crenças, religiões, edificações) nas diferentes épocas. Por exemplo, é comum um aluno, seja de ensino fundamental ou médio, igualar um soldado grego ou romano, a um guerreiro medieval. O uso dos recursos imagéticos, entra nessa questão, servindo como forma de comparação visual para os alunos. O filme Cruzada, de Ridley Scott, por exemplo, retrata bem as características da sociedade medieval, desde as formas das armaduras, que diferentes dos modelos da antiguidade, eram compostas predominantemente de metal - desde o colete que ficava por baixo da armadura, aos elmos que já não tinha mais cristas coloridas como as dos gregos e romanos- e tinham em maioria símbolos religiosos como a cruz, que já mostrava a presença do cristianismo que ganhara poder principalmente na era medieval.

Outro ponto a se extrair desse recurso é a forma como eram erguidas as construções na antiguidade e no período medieval. É possível perceber através do cinema, a presença de grandes e densas muralhas que cercavam as cidades estados na antiguidade, e o surgimento de altíssimos castelos pontiagudos, que viria a ocorrer no período medieval. Estes elementos tornam-se por tanto, fundamentais no processo de diferenciação dos

personagens históricos e na orientação temporal, por parte dos alunos dos níveis fundamental e médio.

A história, além de grandes nomes, datas e fatos, proporciona ao professor, a possibilidade de discussão de temáticas presentes na contemporaneidade. O uso de filmes também se mostra conveniente nesse contexto. Os fatos históricos que são discutidos sala de aula proporcionam ao professor e à turma, a oportunidade de se discutir temas atuais e presentes no cotidiano social, como homossexualidade, racismo, nacionalismo, violência, entre outros. As produções cinematográficas tem se voltado também para esses assuntos, e o acervo de obras é imenso. Fazendo aqui outra hipótese, onde o professor trate da segunda guerra mundial, e que mencione o nacionalismo americano, como forte ideologia no contexto do conflito. Tem-se como exemplo de filme para esta situação, o próprio “Capitão América”, dirigido por Joe Johnson e reproduzido em 2011. O filme se passa no contexto da segunda guerra, em pleno auge do conflito contra os alemães, onde o governo americano constrói um soldado perfeito que “salvaria o mundo” das mãos dos “*temíveis nazistas*”, por sinal um soldado americano, que teria como traje a própria bandeira dos EUA. Já se for tratado temas como homossexualidade e os preconceitos que rodeiam essa realidade, pode-se usar “O Segredo de Brockback montain”, um romance dramático de 2005, que trata da historia e dois rapazes, que vivem um complexo relacionamento, e que enfrentam as inúmeras barreiras sociais impostas pelo preconceito.

Tomando-se esses exemplos, pode-se observar a amplitude de saberes propostos pelo estudo de historia, que se ramificam em outras áreas do conhecimento (antropologia, sociologia, filosofia...), e que além de trabalhar e discutir conceitos, fatos e processos, também abrangem assuntos modernos e contemporâneos, que estão próximos e presente na vida dos alunos. Vale ressaltar, que a defesa pelo uso das obras cinematográficas nas práticas de ensino, não tem por objetivo substituir as práticas de leitura de obras escritas, mas preencher as lacunas deixadas pela deficiência por parte dos alunos nesse aspecto.

*EQUIVOCOS E OBSTÁCULOS NO USO DO CINEMA SALA DE AULA.*

Embora com positivos efeitos no processo de aprendizado por parte dos alunos, o uso do conteúdo fílmico possui suas barreiras no seu processo de aplicabilidade. A principal e mais conhecida destas barreiras, esta relacionada às realidades estruturais da maioria das escolas brasileiras que se resume às parcas condições estruturais, no que toca ao ambiente, espaço e aparelhagem necessária na aplicação do recurso. O curto tempo das aulas, também é um fator que dificulta a realização deste processo, dando-se a partir da constatação do denso volume de conteúdos em razão do pouco tempo disponível, e somando com os contratempos ocorridos na organização de programas do tipo (como defeito em algum equipamento, o que é muito comum), transformam esta investida metodológica em uma cansativa luta por inovações.

Outro ponto a se discutir nesse contexto, parte da ressalva de que o filme sozinho não possui o potencial didático para produzir o conhecimento histórico escolar. A aplicação da imagem em movimento na sala de aula deve ser realizada com o acompanhamento de um bom planejamento no que diz respeito ao âmbito pedagógico. Um filme apenas reproduzido na TV, sem nexos com os conteúdos das aulas ministradas, ou sem apresentar um objetivo, torna-se apenas um passatempo de aula, incrementando o tédio comumente expressado pelos alunos presentes nas aulas de História.

## *CONCLUSÃO*

A apropriação pelas novas linguagens, em especial no que toca ao uso de novas tecnologias, é uma investida pedagógica conveniente na busca pela melhoria na qualidade do ensino escolar. Vale frisar que tais recursos por si só, não substituem as aulas, e a necessidade de preparação dos docentes que os buscam tornar-se evidente.

As novas linguagens estão abertas e cada vez mais acessíveis ao campo educacional. Os avanços tecnológicos mostram a tendência de um mundo cada vez mais veloz e prático no que toca a busca pela informação, cabe ao docente, reconhecer este mundo, e acima de tudo reconhecer os sujeitos que nelas estão emergindo, os mesmos sujeitos que estarão no ambiente escolar, à espera das propostas pedagógicas, à espera dos posicionamentos do professor em sala, e em uma expectativa bem otimista, à espera de um ensino de maior significado.

## BIBLIOGRAFIA

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte - MG. Autêntica, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo – SP. Contexto, 2005.

MORETTIN, Eduardo V. **O cinema como Fonte Histórica na Obra de Marc Ferro**. Curitiba. Editora UFPR, 2003.

BORGES, Eduardo. **Cinema e História: O encontro de Dois Mundos**.

*SITE: [http://www.fja.edu.br/proj\\_acad/praxis/praxis\\_02/documentos/ensaio\\_1.pdf](http://www.fja.edu.br/proj_acad/praxis/praxis_02/documentos/ensaio_1.pdf)*

SALAVSKY, Suzana Schuartz. **Dificuldade e Aprendizagem em História e Construção do conhecimento Histórico**. R. Grande do Sul. UFRGS, 2006.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. **Cinema e História: Realidade Escolar, Propostas e Práticas na sala de aula**. Revista de História e Estudos Culturais, vol. 05, ano V, Nº 02. Caetité – BA. UNEB, 2005.

PINHEIRO, Alexandre Coelho. **Um diálogo entre cinema e ensino de História no longa metragem Cruzada, de Ridley Scott**. Ilhéus – BA. UFSC.

*SITE: [http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh\\_III/alexandre\\_coelho.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/alexandre_coelho.pdf)*

SPINI, Ana Paula. **O cinema na Pesquisa e no Ensino de História; dos dilemas às possibilidades**. Florianópolis – SC. Anais eletrônicos do IX Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História, 2011.

FONSECA, Selva Guimarães. **Cinema como recurso didático nas aulas de historia**.

*SITE: <http://cafehitoria.ning.com/profiles/blogs/cinema-como-recurso-didatico>*

FONSECA, Selva Guimarães. **Cinema e Ensino de História**. Revista do Arquivo Publico Mineiro. MG, 2009.

CAIMI, Flavia Eloísa. **Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões Sobre Ensino, Aprendizagem e formação de professores em História**. Passo Fundo – RS. Universidade de Passo Fundo, 2006.

SANTOS, Barbara Silva; SANTANA, Tatiana Menezes; FERNANDES, Priscila Dantas. **Cinema como ferramenta Didática para o Ensino de História**. São Cristovão – SE. V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, 2011.

VENANCIO, Anderson Feliciano; CONCEIÇÃO, Maria Telvira da. **Educação Histórica: os Desenhos Animados no processo de Ensino-Aprendizagem de História**. Cairi. Universidade Regional do Cairi – URCA. 2008.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

ABUD, Katia Maria. **A construção de uma didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no Ensino.** – São Paulo: SP. 2003.